

## Paulo Morgado

Saiu de Leiria, onde nasceu há 44 anos, para estudar Direito em Lisboa. Mas, em vez dos tribunais, escolheu a consultoria. Hoje, é o responsável máximo pela Capgemini em Portugal. Começou a investigar o fenómeno da corrupção em sítios de Internet como o do FBI, que o inspiraram a escrever *O Corrupto e o Diabo*, o seu quarto livro

# “O corrupto é um potencial incompetente”

É o retrato ficcionado da corrupção em Portugal. O novo livro de Paulo Morgado fala dos favores, da falta de transparência, da incompetência dos corruptos e de como todo este mundo ainda é bem visto no País

O livro de Paulo Morgado dá o mote: um diálogo entre o corrupto e o Diabo, às portas do Inferno.

E o cenário desta entrevista não podia ser mais irónico. O consultor falou com a SÁBADO na Sala Azul do hotel Pestana Palace, em Lisboa, onde há figuras de anjos a decorar as paredes e o tecto. O por menor arrancou um sorriso contido ao administrador-delegado da Capgemini. O método que tem para escrever é simples: começa por comprar todos os livros sobre o tema e procura inspiração na Internet e em filmes. Maria José Morgado foi a primeira a ter acesso a *O Corrupto e o Diabo*. O livro foi entregue em mão pelo autor, na casa de férias da procuradora responsável pela inves-

tigação dos casos Apito Dourado e Câmara Municipal de Lisboa.

***O Corrupto e o Diabo surge depois do livro Os Crimes de Colarinho Branco. Tem algum fascínio especial pelo crime económico?***

É uma coisa que me interessa desde 2003, 2004, porque percebi que este tipo de crimes se conseguem conceptualizar. Podemos começar a denotar um padrão de comportamento em determinadas áreas e perceber como é que estes fenómenos se geram.

***E começou a perceber esses padrões através do contacto com casos concretos?***

Não. Foi através de um estudo aprofundado. Há muita informação sobre estes crimes, so-

bretudo nos Estados Unidos e no Reino Unido, onde há sítios da Internet que enumeram os vários tipos de fraudes. Se for ao do FBI estão lá muitas tipologias de crimes. Já em Portugal, a banca e as seguradoras tendem a abafar as fraudes de que são vítimas.

***Como se combate este fenómeno?***

Através da transparência de um sistema em que quem ocupa lugares de responsabilidade tem de prestar contas sobre o que faz. É por isso que, no livro, a coisa que mais deixa o Diabo possesso é a palavra “transparência”.

***O que quis transmitir com isso?***

Que o que mais assusta o Diabo é a hipótese de o Estado ter de prestar contas de uma





forma clara sobre as decisões de quem governa. As empresas cotadas oferecem um nível de informação aos seus accionistas muito superior àquele que os organismos públicos dão ao cidadão, o que me parece uma lacuna de mercado, porque um accionista é accionista de uma empresa porque quis.

**Este Governo tem medo da transparência?**

Ainda há lacunas de transparência. Não posso conceber estar num país em que os autarcas não são avaliados pela *performance* que oferecem aos seus cidadãos, mas sim pelo cumprimento dos programas eleitorais. E a que custo? Com que ónus futuro, em termos de endividamento e de gastos mal feitos?

**Quando fala em transparência, a que tipo de medidas se refere?**

As repartições de Finanças deviam ser obrigadas a publicar os processos que prescreveram naquele ano e de quem eram essas dívidas. As câmaras deviam explicitar que terrenos passaram de rurais a urbanos e o tempo de obtenção de licenças de construção. Estas medidas permitem ver se há favorecimento sistemático de algumas entidade.

**O livro começa com um Diabo surpreendido por ter um corrupto às portas do Inferno. A corrupção ainda é muito desculpabilizada?**

Ainda não é muito censurável no nosso país. É um crime em que, à boa maneira portu-

guesa, quem o pratica obtém uma vantagem face aos outros. Depois é um crime feito em cumplicidade, em que nem o corruptor activo nem o passivo têm interesse em denunciar, porque estão ambos envolvidos. Por isso, é um crime de difícil detecção e prova. E, portanto, o Diabo ficou surpreendido por alguém ir para o Inferno por ser corrupto.

**Quem é o corrupto deste livro?**

É um corrupto muito mais centrado em agradar do que alguém com ideias concretas sobre as coisas. É como a maior parte dos corruptos: sem verticalidade, que julgam que tudo se compra e tudo se vende e que fazem qualquer coisa para se safar. ▶

► **E é este o corrupto português?**

Varia. Em Portugal temos três níveis de corrupção. A corrupção corruptela, da nota para fazer andar um processo e livrar da multa. A média corrupção, ligada ao favorecimento local e autárquico. E a grande corrupção.

**Quem são os agentes da alta corrupção?**

São todos aqueles que têm cargos de alto nível, no Estado. Mas em Portugal não há registo destes casos.

**O que leva os eleitores a reeleger autarcas suspeitos de corrupção, como é o caso de Fátima Felgueiras, Isaltino Morais ou Valentim Loureiro?**

É exactamente a falta de censurabilidade associada à corrupção. Vivemos num país muito burocratizado, e quando há excesso de burocracia há um preço a pagar por isso. Quando eu era mais novo, alguém que entregasse ao senhor guarda um livrete com uma nota pelo meio não só não era censurado como era considerado um tipo esperto, que sabe contornar as burocracias.

**Choca-o que as pessoas confiem nestes autarcas?**

Não, porque vivemos num país muito assimétrico. Temos um número muito grande de pessoas que não têm acesso à informação, à cultura e ao ensino nas mesmas condições de uma classe média de outro país.

**O que o move quando escreve estes livros?**

É, sobretudo, o sentimento de achar que tenho direito a que o Estado seja composto por pessoas competentes. Fora as relações familiares, a corrupção é o único meio de contornar o mercado, de colocar incompetentes em lugares que não merecem. Enquanto houver corrupção, vai haver incompetentes em lugares de topo.

**A maior parte dos corruptos são incompetentes?**

O corrupto é alguém que não está preparado para jogar as regras de mercado. E, nesse sentido, é potencialmente incompetente.

**Que consequências é que isso tem para o país?**

É uma das principais razões da fuga de cérebros – aqui os lugares estão ocupados por tipos que são menos competentes que eu, mas que tiveram melhores relacionamentos, portanto vou-me embora. Já os mecanismos proteccionistas são completamente censuráveis.



**Quando era mais novo, alguém que entregasse ao senhor guarda um livrete com uma nota pelo meio não era censurado**

**Que mecanismos proteccionistas são esses?**

Falo, por exemplo, de se privilegiarem empresas nacionais em concursos públicos. Já estive num evento em que o número um de uma empresa nacional disse a um secretário de Estado que devia haver cláusulas nas compras públicas que impedissem a participação de empresas estrangeiras. Estamos num país em que cada vez mais impera a falta de transparência, as sociedades secretas, o compadrio e os fenómenos obscuros.

**Quando fala de sociedades secretas, fala em quê?**

Dos clubismos. Quando pertencem a corporações ou sindicatos, as pessoas devem pertencer por altruísmo. Não devem ser sítios em que se pendurem para estarem protegidas fora do mercado.

**O despesismo do Estado não é uma desculpa para a corrupção?**

Não. Quanto maior for o Estado, maior é o número de funcionários. E a tentação de um funcionário, que às vezes ganha pouco, poder receber uns dinheiros para fazer andar melhor a burocracia criada por um Estado grande é muito elevada.

**Quais os sectores mais permeáveis à corrupção?**

Aqueles onde impera o secretismo e os que funcionam por projecto – construção, engenharia, arquitectura, consultoria e imobiliário. Porque há uma grande margem para se estabelecer um preço final por uma coisa.

**Já foi ver o filme *Corrupção*?**

Não. Nem tenho particular interesse. É daquelas coisas muito portuguesas, naquilo que elas têm de menos bom. É deste tipo de abordagens, centradas no fulanizado, na inveja e no revanchismo, que temos de nos afastar.

**Para nos aproximarmos de quê?**

Tem de se combater a corrupção como o fenómeno da droga foi combatido: não foi através da lei, nem numa óptica de meter todos os toxicodependentes na cadeia, não foi através do apontar do dedo nem da fulanização. Foi através de uma intervenção no sistema, a montante, tentando eliminar as causas da toxicodependência e criando mecanismos na sociedade para as pessoas poderem seguir programas de reabilitação.

**No seu livro, o Diabo é libertado e enviado para Portugal. Porquê esta punição?**

Não sou fatalista, mas acho que ainda há uma elevadíssima percentagem de incompetentes no nosso país.

**Alguma vez tentaram corrompê-lo?**

Não. Não tenho nenhum bem do Estado nem nunca tive nenhum cargo público.

**Que impacto espera ter com este livro?**

Acho que a provocação vai passar. O principal objectivo deste livro é dizer às pessoas: “Se querem combater a corrupção, devem centrar-se, também, no combate às causas.” ■